



100 anos de Antonio Candido: um crítico empenhado

Antonio Candido foi um dos pioneiros a lançar luzes sobre as obras de João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector e João Guimarães Rosa; soube compreender o modo com a ficção está amalgamada na confissão de Graciliano Ramos; distinguiu manifestações literárias de literatura enquanto sistema, no contexto brasileiro; reconstruiu a trajetória do caipira e a descaracterização desta cultura tradicional em confronto com a economia capitalista; e, sobretudo, compreendeu a literatura como um bem imaterial, um fenômeno a que têm direito os humanos todos.

Mais do que textos, ideias, conceitos, Candido parece ter deixado um método que privilegia as intersecções entre os campos literário e social, vale dizer, entre a arte e a vida, numa dialética que se materializa – como o crítico mostrou na “Dialética da Malandragem”, clássico estudo sobre **Memórias de um sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida, – nos modos de contar o que se conta: narrar a desordem é, em certo sentido, pintar um quadro da “terra-de-ninguém moral” que era o Brasil de D. Joao VI, é pôr ordem no caos.

Nesse sentido, também, é o que podemos observar no ensaio “De Cortiço a Cortiço”, no qual Antonio Candido compara o romance de Aluísio Azevedo com o cortiço de Émile Zola e escapa à crítica naturalista, trazendo uma das questões principais da crítica literária de inspiração marxista: em seu conceito de estruturação, discute o processo por meio do qual o dado social (externo) torna-se um elemento interno ao desempenhar um importante papel na ordenação da obra, como Candido revelou no Prefácio do livro *O Discurso e a Cidade*:

O meu propósito é fazer uma crítica integradora, capaz de mostrar (não apenas enunciar teoricamente, como é hábito) de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser. (CANDIDO, 1993, p.9)

A linguagem literária lida com subjetividade de modo mais incisivo e proposital do que qualquer outro tipo de linguagem verbal e por isso corre o risco de fazer com que o estudioso a confunda, quando a toma como objeto de análise, com as expectativas que tem dela como objeto de fruição. Não significa que trabalho e prazer não possam conviver nos mesmos tempo e espaço, mas significa que estudar e fruir são diferentes momentos ou modos de percepção dos objetos de que se servem.

Por conta dessa dificuldade de separar o trigo da observação científico-metodológica do trigo da recepção gratuita, muitas vezes os estudos dos textos literários têm sido confundidos com o estudo da vida dos autores, do contexto em que eles viveram, dos aspectos estruturais e linguísticos das produções; muitas vezes, a leitura das obras têm servido de pretexto para estudo de tendências literárias ou ideológicas por conta da ausência, justamente, de métodos que tenham um caráter mais objetivo e que sirvam de instrumento para outras análises.

Se arte é técnica, crítica também o é. Neste sentido, como professores de língua e literatura, selecionamos textos para este dossiê que, para além do caráter encomiástico, pudessem destacar como Candido abriu um caminho bastante produtivo, e pioneiro em certo sentido, para a análise das obras literárias. Talvez seja por isso que tenham ressaltado tanto o aspecto didático da produção de Antonio Candido.

Esse aspecto didático, preocupação de professor empenhado, está explicitado na apresentação que Candido fez, em 1987, para a reedição **do Estudo analítico do poema** (1996) pela editora Humanitas da FFLCH/USP, São Paulo. Entre a opção de improvisar uma aula e ministrá-la ao sabor da memória como estratégia para deslumbrar o auditório com mostras de talento ou a opção de prepará-la minuciosamente e depois lê-la de forma monótona e pouco natural, Antonio Candido aposta na “solução seguinte: redigir para cada aula um resumo contendo ideias e elementos necessários [...], e sobre ele fazer a exposição, incorporando no ato ideias e exemplos que vão ocorrendo e são por vezes o melhor da aula” (p. 7).

Da dialética entre a desconfiança em relação à “mentalidade improvisadora, timbre de nobreza intelectual de nossa tradição” que produzia “mestres brasileiros que visivelmente preparavam bem as aulas, mas fingiam improvisá-las” (p. 7), e o aprendizado com os professores franceses e italianos que vieram para a recém-fundada Universidade de São Paulo em 1934, cuja prática era a preparação de notas rigorosas para as aulas, surge a síntese de Antonio Candido: o método que problematiza a si próprio como consciência de que o objeto que estuda é matéria viva. É dessa forma que vemos Antonio Candido no ensaio confessional que compõe este dossiê, escrito pela professora Norma Goldstein, aluna e orientanda do mestre. Suas aulas e orientações, segundo Goldstein, faziam um exame minucioso dos recursos linguísticos da poesia, além de sugerirem aos seus alunos estudos sobre poetas pouco estudados, como Mário Pederneiras, Olegário Mariano e Guilherme de Almeida e a leitura da tese italiana inédita do professor Italo Betarello, “professor de Literatura Italiana na Faculdade de Letras: *Lineamenti sulla poesia contemporanea*, sobre os “crepusculares” italianos, defendida em 1951, na Universidade de Turim, Itália.”

O texto de Norma Goldstein encontra um diálogo com o artigo “A perspectiva teórico-pragmática de **Na Sala de aula: caderno de análise literária**” na medida em que o primeiro destaca como eram as aulas de Antonio Candido, sobretudo, de sua didática sobre a análise de poesia, que fez com que sua orientanda entrasse em contato com teorias estilísticas, e “cada elemento do poema era levado em conta na leitura: ritmo, composição, recursos fônicos, todo tipo de recorrências, aspectos morfossintáticos.” O

livro **Na sala de aula** mostra a provável sistematização dessas aulas, com o estabelecimento de uma “fórmula única de cada texto”, levando em consideração não somente o ritmo e a sonoridade, mas seu aspecto semântico que conta com a participação ativa do leitor, tornando-o coautor da obra literária, vista como “um fenômeno dinâmico, sempre aberto a novas leituras”, que usa “a leitura como uma espécie de (re)escrita colaborativa, tornando-a uma prática humanizadora”, como descreveu Candido:

a função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces:(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 1995, p.242)

Antonio Candido, na obra **Formação da Literatura Brasileira** (2009), afirmou que nossa literatura, depois da Independência, tendeu a considerar “a atividade literária como parte de esforço de construção do país livre, em cumprimento a um programa, bem cedo estabelecido, que visava à diferenciação e particularização dos temas e modos de exprimi-los” e por isso estaríamos diante de “Uma Literatura empenhada”. Parafraseando o crítico, é possível dizer que também sua obra constitui uma crítica empenhada no sentido de que busca problematizar a íntima conexão entre o tecido social e o tecido literário sem que se deixe de lado as tramas do texto como testemunhas materiais dessa relação.

Nesse sentido, os trabalhos selecionados para este dossiê procuram destacar, de diferentes modos, o legado de Candido: a recepção crítica que Candido fez da literatura inovadora de Guimarães Rosa, a recepção da obra do próprio Candido por outros críticos, os desdobramentos da leitura simultaneamente estética e social de Candido e os diálogos estabelecidos com outros críticos e mesmo a figura ainda viva na memória do Professor Antonio Candido, assim como os fundamentos de seu método.

Esperamos que este dossiê possa dialogar de modo significativo com aqueles leitores que já conhecem ou que desejam tomar contato com a obra de um dos nossos mais prestigiados professores que expandiu as suas lições para além das fronteiras da sala de aula, pois assim como a literatura é um direito humano, compreendê-la à luz da cultura que a produziu como algo que vai além do simples efeito estético também é um elemento humanizador.

Os organizadores do dossiê.